

# Entre Crenças

*Eu acredito que você acredita*

Edição 1 | Dezembro 2024

## Salve, Jorge! Saravá, Ogum!

Conheça as várias  
facetas de São Jorge,  
figura venerada em  
mais de seis religiões



### *A juventude ainda tem fé?*

Saiba no que os jovens  
de hoje acreditam

### *Separação Igreja e Estado*

Uma conversa sobre  
o Estado laico brasileiro

### *Religiosidades super-heróicas*

Como as crenças influenciam  
as histórias em quadrinhos

# Entre Crenças

Eu acredito que você acredita  
Edição 1, dezembro de 2024

Projeto gráfico-editorial

**Mariana Tomazi**

Apuração, redação e edição

**Mariana Tomazi**

Colunistas

**Lorena Laudares e Savio Queiroz Lima**

Diagramação

**Mariana Tomazi**

Orientação e revisão

**Ildo Francisco Golfetto**

Imagens

Arquivo pessoal, César Fraga, Mariana Tomazi, PNG Wing, Revista Superaventuras Marvel 16, Supremo Tribunal Federal, The Noun Project, Unsplash, Victoria and Albert Museum.

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado e editado pela acadêmica Mariana Tomazi, sob orientação do Prof. Dr. Ildo Francisco Golfetto. Seu caráter é experimental, sem fins lucrativos e puramente acadêmico. Não será distribuído, tampouco comercializado. Seu conteúdo e suas opiniões são de inteira responsabilidade da acadêmica, isentando assim a UFSC e o docente de qualquer responsabilidade legal por essa publicação.

## ATENÇÃO

Esta revista é interativa!

Alguns itens são clicáveis e contêm informações extras.



Sempre que ver este ícone, clique para saber mais.

**A** intolerância religiosa assume diversas formas, seja em ofensas verbais, restrições de circulação e até mesmo violência física. “Eu acredito que você acredita” deveria ser o suficiente para haver harmonia entre os fiéis de diferentes crenças. Essa, porém, não é a realidade do Brasil. Entre janeiro e novembro de 2024, foram mais de 3.400 violações à liberdade de religião e crença no país, segundo registros da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. É um aumento de 37% em relação a todo o ano de 2023. Os números se tornam ainda mais alarmantes na perspectiva de que esses são apenas os casos denunciados.

Mas, por que abrir a primeira edição da revista com uma notícia ruim? Para entender que viver entre crenças é um desafio gigantesco, pois significa combater a intolerância religiosa. Gigantesco, porém não impossível. E o primeiro passo é colocar o assunto em pauta.

Para começar a falar de convivência com o diferente, nada melhor que a personificação do sincretismo religioso: São Jorge, o santo que tem devoção no mundo inteiro. Depois de conhecer a popularidade do guerreiro, trazemos a juventude para a conversa. Considerados o futuro da nação no ditado popular, muitas pessoas dizem que os jovens estão perdendo a fé. Mas será que estão mesmo? Na reportagem seguinte, convidamos a historiadora de Religiões, Bruna Marques, para refletir sobre o Estado laico brasileiro. Após comparar a realidade com a teoria da lei, entramos no universo paralelo das histórias em quadrinhos, e o colunista Savio Queiroz Lima mostra como as religiões influenciam na ficção. Ainda traçando paralelos, a também colunista Lorena Laudares conta as lições do Taoísmo para a política global. Para finalizar a edição, buscamos entender como o Budismo, crença que visa o alívio do sofrimento, pode auxiliar no tratamento de doenças mentais.

Agradeço a cada pessoa que colaborou para que esta edição fosse uma realidade: entrevistados, colunistas, fotógrafo, orientador, amigos e família. Faço também um agradecimento especial a você, leitor(a), que acreditou nesta proposta e nesta editora. Que esta revista fortaleça sua fé, seja ela qual for, e abra sua mente para novos conhecimentos.

Boa leitura!



Manezinha da Ilha criada em Aracaju (SE), com passagem em Macaé (RJ). Mariana nasceu em família católica, e a curiosidade de conhecer outras religiões foi despertada nas aulas de Ensino Religioso. Ao mesmo tempo, quanto mais se aprofundava na fé cristã, mais entendia Deus como um ser amoroso, compassivo e, acima de tudo, transcendente. Como parte da missão que aprendeu na Igreja, ela queria compartilhar a maravilha do divino com quem quisesse ouvir. Após alguns anos na graduação em Jornalismo, viu a oportunidade de fazer isso através da futura profissão. Com uma maneira de evangelizar um pouco diferente da ensinada na catequese, Mariana criou a Entre Crenças, uma revista que concretiza seu desejo de falar de Deus, enfatizando a transcendência e diversas formas que Ele assume nas culturas.

5

Salve, Jorge! Saravá, Ogum!



15

A juventude ainda tem fé?



25

A César o que é de César,  
a Deus o que é de Deus



31

Religiosidades  
super-heróicas



33

Lições do Taoísmo



35

Sufrimento humano  
é uma questão  
biopsicossocioespíritual



# Salve, Forge! Saravá, Ogum!

Como o sincretismo consolidou a figura popular do guerreiro

Reportagem por Mariana Tomazi



Imagem: César Fraga.

Um santo cultuado em mais de seis crenças mundo afora. O padroeiro dos cavaleiros, soldados, escoteiros, esgrimistas e arqueiros. A figura lendária que é possível ser avistada nas crateras da Lua. O milagreiro que todo 23 de abril leva uma multidão de 1,5 milhão de devotos às ruas da cidade do Rio de Janeiro, numa procissão que mistura católicos, umbandistas, candomblecistas e outros tantos fiéis do Santo Guerreiro. Montado em seu cavalo e empunhando a espada, São Jorge é a personificação do **sincretismo** entre as crenças.

Nas vertentes cristãs, os santos são figuras mais comuns na Igreja Católica. São Jorge, porém, também é celebrado nas Igrejas Ortodoxa e Anglicana. Fruto do sincretismo do período de escravidão no Brasil, a devoção alcançou a Umbanda e o Candomblé. O personagem sagrado também tem forte presença no Oriente, tendo relação com o Islamismo.

O santo representa a luta do bem contra o mal, simbologia que vem da lenda de sua vitória contra o dragão. Ele representa coragem, resiliência e fé no divino. Seus devotos recorrem a ele para proteção contra o inimigo, as coisas ruins e os males da vida. “Eu me identifiquei com São Jorge porque já tive muitas batalhas na minha vida e, assim como ele, eu nunca abaixei a cabeça nem deixei de correr atrás do que eu acredito”, relata Ana Clara Mattoso, católica de 23 anos.

Natural de Macaé (RJ), ela conheceu a fé através de sua avó materna, Sueli, ainda criança. Mas foi em 2018, depois de um período turbulento em sua vida pessoal, que Ana Clara se aprofundou nas histórias de São Jorge. “Fui vendo que eu tentava fazer a mesma coisa que ele. Eu não iria deixar as pessoas me atacarem sem poder me defender”, recorda.

Esse traço da batalha é o mais característico e o que mais atrai os devotos. O diácono José Antônio Schweitzer, 81 anos, da paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem em Florianópolis,



Imagem: arquivo pessoal.

Acima: Sueli e Ana Clara, com a planta espada-de-são-jorge ao fundo.

lis (SC), comenta que o santo é também um canal. “Ele é importante para fomentar o devocionismo e religiosidade popular, porque muitas pessoas chegam a Deus através dele”.

Acredita-se que a devoção começou com os cristãos ortodoxos, na região de Lida, Israel. Nessa cidade está a tumba com os restos mortais de Jorge, o homem que virou mártir, na Igreja Ortodoxa Grega de São Jorge. Além do templo cristão, a mesma construção abriga uma mesquita, templo sagrado do Islamismo.

São Jorge é associado pelos muçulmanos à figura de Al-Khidr, considerado um amigo de Moisés. Alguns estudiosos da religião acreditam que ele foi um profeta. Outros teorizam que Khidr era, na verdade, Kothar wa Khasis, um personagem da mitologia síria e turca que era capaz de dominar e matar dragões – tal como São Jorge.

Enquanto era conhecido somente no Oriente, São Jorge era cultuado devido ao seu martírio, invocado como um santo protetor. Foi durante as Cruzadas, na Idade Média, que ele se tornou popular na Europa e passou a ser conhecido como santo guerreiro. Os soldados cristãos diziam que, assim como Jorge matou o dragão, eles derrotaram os muçulmanos, em uma controversa vitória do “bem contra o mal”.

As histórias e lendas do guerreiro foram levadas para a Igreja Anglicana, na Inglaterra. Em 1348, o rei Eduardo III instituiu a Ordem dos Cavaleiros de São Jorge, que era composta por soldados das Cruzadas. A devoção segue até os dias atuais, intrínseca no coração dos fiéis e na bandeira do país: a cruz vermelha na bandeira inglesa é inspirada na cruz do santo.



Imagem: César Fraga.

Acima: túmulo de Jorge, em Israel.



São Jorge e o dragão:  
clique e ouça a lenda.



Bem difundida pela Europa, a devoção a São Jorge chegou ao Brasil com os portugueses, e foi sincretizada nas crenças do povo iorubá, da África Ocidental, ao ser traficada e escravizada. Na necessidade de continuar o culto às divindades de sua terra, mas sem levantar suspeitas dos senhores de engenho para evitar açoites, os iorubás veneravam seus orixás no coração enquanto olhavam para as imagens dos santos católicos. Cada orixá era venerado em um santo com características semelhantes, o que variava de acordo com a região do país. Por isso, São Jorge foi sincretizado na Bahia com Oxóssi, orixá da caça. Já no Rio de Janeiro, foi sincretizado com Ogum, orixá da guerra.

“Ogum é inspirado em uma divindade, o senhor dos caminhos e das estradas, o orixá guerreiro. Ele que protege e luta pelos outros orixás, pela liberdade, pela fé, pelo amor, pelo axé”, diz o pai de santo Rhuan Costa, 31 anos, dirigente espiritual da Casa de Caridade Ogum Beiramar, em Aracaju (SE).

Abaixo: altar da Casa de Caridade Ogum Beiramar.





Imagem: César Fraga.

Acima: procissão no dia de São Jorge no Rio de Janeiro.

## “Ogum encontrou São Jorge numa encruzilhada no Rio de Janeiro”

A alegoria acima, do historiador Luiz Antônio Simas em uma entrevista ao Portal G1, é o que descreve o Rio de Janeiro todo 23 de abril. Feriado na capital carioca, o dia amanhece com as procissões e os batuques acordando a cidade. Em 2024, mais de 1,5 milhão de pessoas participaram das missas, giras e rodas de samba em honra ao santo. Nessa data, a cada esquina é possível sentir o cheiro da feijoada, prato oferecido à Ogum. “É uma coisa que gira a economia, gira a fé, gira a cidade em torno desse feriado”, afirma o jornalista carioca Rennan Leta, 29 anos, lembrando das festividades com o avô – a pessoa que o levou a crer no guerreiro.

“É o santo que une todo mundo: bandido, polícia, católico, macumbeiro, tudo no mesmo lugar”, diz Rennan sobre a devoção a São Jorge na capital. Criado em família católica na Comunidade Marta Machado, num bairro da Zona Norte do Rio, Rennan conta que tinha um terreiro de Umbanda perto



### Ouçã São Jorge

Escaneie o código pelo Spotify ou clique no botão acima para ouvir grandes sucessos da música brasileira sobre o santo guerreiro.



Imagem: César Fraga.

de casa, “então era aquele católico que ia para o terreiro se benzer”. Chegou a ser coroinha, fez o sacramento de iniciação da Primeira Eucaristia, quase fez o sacramento da Crisma, “mas eu não me encontrava [naquela religião]”, diz.

Hoje, Rennan é umbandista e candomblecista, e sua caminhada espiritual tem início em São Jorge. Seu avô materno, Carlinhos, era devoto ferrenho do santo. Apesar de ter tido uma vivência grande na Umbanda e no Candomblé, Carlinhos deixou as religiões e seguiu apenas com a devoção à figura santificada. “Meu avô não era nem católico nem umbandista, era São Jorge”, brinca Rennan, que desde criança o acompanhava nas alvoradas do dia festivo.

Em 2012, Carlinhos faleceu. “Eu senti muito a perda dele, e encontrei nessa devoção um elo entre nós”, lembra o neto. São Jorge foi o propulsor da busca pela sua espiritualidade. “Essa criação acabou me levando mais para dentro do terreiro, e também por eu enxergar que isso me fortalecia, um apego de fé”, conta, completando que o cavaleiro foi, inclusive, sua primeira tatuagem. Ele começou a caminhada na Umbanda, em uma casa de **Omokô**, e atualmente é filho de uma casa de Candomblé **Ketu**, o terreiro Luz de Luanda, em Magé (RJ).

Devido à sua construção religiosa, Rennan foi atraído cada vez mais para perto de Ogum e mais longe de São Jorge – mas sem abandonar a herança do avô. Ele diz que tem a questão do sincretismo muito bem resolvida. “Enquanto a gente vê muitas pessoas, tanto católicas quanto umbandistas, tentando desassociar São Jorge de Ogum (ou São Jorge de Oxóssi, na Bahia) eu penso que um não anula o outro, uma fé não anula a outra, e eles se complementam”, ressalta.

Em homenagem ao santo e ao avô, Rennan celebra 23 de abril à moda carioca: “feijoada, samba e cerveja. E ir na gira, tem que dar uma passada na macumba”.

## Sincretismo e seus reflexos na fé

Apesar das inúmeras histórias e influências das religiões acerca da figura de São Jorge, o sincretismo não é bem visto por alguns devotos, que avaliam a “mistura” como um traço que desvaloriza a fé – seja cristã ou iorubá. Para pai Rhuan, se torna negativo quando as duas figuras são confundidas e ditas como iguais. “Se tem um pai ou mãe de santo que fala que os dois são a mesma figura, não tem como. São Jorge é europeu, branco. Orixá é preto, é África, é iorubá”, explica.

Principalmente no Brasil, um país com grande diversidade étnica e religiosa, o sincretismo está enraizado e frequentemente celebrado pela cultura popular. “Honestamente, eu acho incrível, porque é uma admiração muito grande por São Jorge, é muito belo”, relata Ana Clara, recordando da emoção que sente toda vez que ouve um samba enredo dedicado ao santo.

**“Todas as fés são lindas. Se eu respeitar seu Deus e você respeitar meu Oxalá, todos nós podemos conviver em segurança e esperança que amanhã pode ser melhor.”**  
- pai de santo Rhuan Costa

## Mas afinal, São Jorge existiu?

Há muitos estudos sobre São Jorge e seus feitos. Contudo, não é possível comprovar sua existência, pois os fatos se misturaram com os mitos e as lendas. A seguir, conheça a história das três figuras principais relacionadas ao santo guerreiro: Jorge da Capadócia, nas vertentes cristãs; Ogum, na visão iorubá; e Al-Khidr, na relação islâmica.



### Glossário

- Sincretismo: fusão entre duas religiões ou manifestações culturais; síntese de dogmas, ideias e símbolos. O resultado desta síntese cria uma nova expressão religiosa ou cultural.
- Omolokô: culto antigo, com rituais próprios, que tem influência da Umbanda e do Candomblé.
- Ketu: maior e mais popular nação do Candomblé. As nações diferenciam os segmentos da religião, que possuem dialetos e batuques próprios. Além disso, indicam a origem dos povos escravizados que introduziram o culto no Brasil.

## Jorge da Capadócia: o santo guerreiro

### Catolicismo Apostólico, Ortodoxo e Anglicanismo

Segundo o Vaticano, Jorge teria nascido na Capadócia, Turquia, por volta do ano 280 d.C, e se mudou para a Palestina, onde era um militar no exército do imperador romano Diocleciano. Em 303 d.C., o imperador emitiu um decreto para executar os cristãos. Os soldados que seguiam essa fé deveriam abdicá-la, ou também seriam mortos. Jorge, que era cristão, recusou a ordem de perseguir seus irmãos em Cristo. Segundo a lenda, o soldado rasgou o documento na frente de Diocleciano, professando sua fé. Por isso, Jorge sofreu inúmeras torturas, e resistiu a todas elas. De acordo com os escritos, sua resistência e demonstração de fé converteu os vigias do calabouço onde estava e até mesmo a esposa do imperador, o que deixou o monarca enfurecido. Por fim, no dia 23 de abril de 303, Diocleciano mandou decapitar Jorge – a história do martírio, porém, já estava escrita.

# Ogum: o orixá da agricultura e da guerra

Religiões de matriz iorubá

A origem de Ogum também é envolta por muitas lendas, que, no Brasil, sofreram forte influência do período de escravidão do povo iorubá.

Em uma das mitologias, Ogum apresentou aos demais orixás a tecnologia do ferro e mostrou como criar, por exemplo, as ferramentas necessárias para a agricultura. Por causa disso, os cultos iniciais o relacionavam com o trabalho na terra.

Ogum era rei de Irê, cidade da Nigéria, um general que queria acabar com as guerras, e por isso saía em longas temporadas de caça e combate. O historiador Luiz Antônio Simas, autor do livro “Ogum: o inventor de ferramentas”, disse em entrevista ao portal G1 que a história é mais conhecida no Brasil a partir desse ponto.

De acordo com a lenda, na volta de uma de suas temporadas de caça, Ogum chega ao povoado de Irê em um dia que a tradição ordenava silêncio absoluto, e por isso não foi recebido pela população com a festividade e irreverência que esperava. Ele, porém, não estava lembrado do ritual, e ficou muito enfurecido, se sentindo desrespeitado. A ira foi grande a ponto de Ogum sacar sua espada para destruir toda a cidade e massacrar seu próprio povo.

Passado o período de silêncio, o único sobrevivente lembrou Ogum da tradição. Ele ficou inconsolável, jamais se perdoou pelo que havia feito. Desistiu das caçadas e das guerras, fincou sua espada no chão e sumiu para dentro da terra, se tornando para sempre um orixá. Este local ainda existe e está preservado na atual cidade de Irê, localizada no estado de Ekiti, Nigéria, e ficou conhecido como “terra de Ogum”.

O historiador Simas explica em sua entrevista que o traço da agricultura, do orixá inventor de ferramentas, se perdeu durante a escravidão, pois estava muito relacionado à dor e exploração sofrida pelos povos escravizados. Por isso, Ogum é mais conhecido no Brasil por suas características de guerreiro humilde e vencedor de batalhas.



## Al-Khidr: o místico

### Islamismo

Também rodeado por lendas e mitos, Al-Khidr é uma figura que caiu no imaginário popular do mundo islâmico. Há uma passagem no Corão (surat Al-Kahf 18:66-82) que cita um homem sábio enviado por Deus para ensinar Moisés. “Khidr seria apenas uma história, que tem uma lição de moral de confiança em Deus, que o ser humano não sabe de tudo”, comenta o sheik Rodrigo Oliveira, 46 anos, líder religioso da Comunidade Islâmica de Florianópolis (SC). Ele explica que muitos acreditam que Khidr seria esse sábio, apesar de não ser mencionado nominalmente no livro sagrado.

Al-Khidr foi difundido principalmente pelo sufismo, uma vertente do Islã que prega o autoconhecimento como caminho para compreender a Deus, utilizando filosofias místicas e esotéricas. Segundo sheik Rodrigo, entre os séculos IV e V, o sufismo difundiu a crença que Khidr era um homem imortal, que aparecia de forma misteriosa para orientar, salvar e proteger as pessoas. “Khidr trouxe uma lenda no mundo muçulmano e é uma figura muito forte na Turquia e na Síria, países onde esse tipo de sufismo é bem presente”, completa o sheik.

Ele explica que, para os sufistas, muitos personagens misteriosos que tinham suas histórias permeadas por lendas eram denominados Khidr – a exemplo de Kothar wa Khasis, o feiticeiro que dominava dragões. Nesse pensamento, a Turquia teria sido, então, berço do sincretismo entre Al-Khidr, Kothar e São Jorge. &C



# A juventude ainda tem fé?

Como os jovens de hoje  
estão se relacionando  
com a espiritualidade

Reportagem por Mariana Tomazi

**C**rer ou não em algo molda personalidades e dita atitudes. É durante a juventude, fase que vai dos 15 aos 29 anos, que transformações físicas, mentais e emocionais provocam maior impacto na vida dos indivíduos. Neste período, é comum que jovens busquem por grupos que os auxiliem nessa autodescoberta. Seja em uma torcida organizada, em meio a causas políticas ou em igrejas, o jovem quer se sentir incluído. “O pertencimento atende a uma demanda de socialização do animal humano, e o caso religioso é um deles”, explica o pesquisador de Ciência da Religião, Flávio Senra, agnóstico de 53 anos.

Flávio entende que o jovem de hoje procura um lugar onde possa desenvolver sua potencialidade, onde consiga ler sua vida no mundo. Ele indica que isso faz parte de um processo de individualização da crença. “Estamos num momento em que os indivíduos se sentem autorizados a serem os gerentes da sua vida, os guias da sua história”, conta.

Exemplo disso está nas gerações mais novas, que têm seguido caminhos diferentes de seus pais e avós ao buscar pela espiritualidade. Com fácil acesso às informações, suas escolhas não estão limitadas a seguir a religião da família ou a frequentar o templo do bairro, por exemplo. Pela tela do celular, é possível conhecer diversas crenças e não crenças, das mais próximas às mais remotas, e perceber com qual melhor se relacionam e se identificam.

O processo, conforme explica o pesquisador, é acompanhado por um movimento de desinstitucionalização das religiões. Nos últimos anos, tem crescido o fenômeno dos sem religião, pessoas que acreditam no divino, mas não estão filiadas a nenhuma instituição ou denominação religiosa. De acordo com uma pesquisa do Datafolha de 2022, 14% dos brasileiros se dizem sem religião; no recorte de pessoas entre 16 e 24 anos, o percentual sobe para 25%.

Sem religião, contudo, não significa sem Deus. Assim como destaca Flávio, os credos têm uma dimensão para além de sua

organização, uma característica mais intimista da espiritualidade. “Isso faz parte de um mesmo movimento, de formas diversas de viver o religioso, uma forma desafiada”, pondera.

É em meio a essa diversidade que se encontra a Astrologia, prática rotineiramente presente nos *trend topics* das gerações Y e Z. A astróloga Amanda Rodrigues, leonina de 30 anos, é mais conhecida por seu perfil do Instagram @astrodica, e percebe em seu público-alvo que os jovens “estão mais abertos para quebrarem condicionamentos e perspectivas que são mais conservadoras”, diz. Para a astróloga, da forma como pratica e ensina, a Astrologia é um guia de autoconhecimento e autodesenvolvimento. “E a gente só se liberta desses condicionamentos quando a gente busca se conhecer”, completa.

Apesar do tema não ser novidade, visto que os horóscopos estão em jornais, programas de rádios e revistas adolescentes desde o século passado, Amanda vê que hoje o estudo dos as-

tros está saindo do campo do entretenimento e sendo levado mais a sério. “A internet está conseguindo colocar a astrologia num lugar mais sagrado, que é onde pertence. Um conhecimento que guia, orienta. Não é só para o entretenimento, para o pop ou para a Astrologia de botequim”, pondera.

Ela observa que as redes sociais têm contribuído para tirar o tabu dessa filosofia de vida. Ao compartilhar sua experiência pessoal, conta que cresceu em família católica, e as páginas do horóscopo nas revistas *Capricho* eram rasgadas antes mesmo que ela pudesse ler. “Todo conhecimento oculto que empodera o ser humano a ter algum tipo de autonomia sobre o seu livre arbítrio e que vai contra a doutrina cristã, sobretudo, acaba sendo um tabu”, reflete.

A juventude, independente da geração, busca justamente por essa autonomia, para exercitar seu autoconhecimento. Poder escolher no que acreditar – ou não acreditar – está englobado nesse desejo. Mas, então, no que creem os jovens de hoje? A seguir, conheça a história de oito deles, que exerceram seu poder de escolha e estão encontrando sua crença.



- Geração Y ou *Millennials*: nascidos entre 1980 e 1994.
- Geração Z: nascidos entre 1995 e 2010.

Imagem: Mariana Tomazi.



**Amani Hussein** (esquerda)  
17 anos  
Muçulmana  
Rio de Janeiro (RJ)  
Ensino Médio

**Shadia Salamah** (direita)  
21 anos  
Muçulmana  
Florianópolis (SC)  
Odontologia - Unisul  
Tecnólogo em Investigação  
Forense - Estácio



“A gente é uma só”. Amani Hussein, 17 anos, e Shadia Salamah, 21 anos, são primas e uma dupla dinâmica. “Somos muito parecidas e, ao mesmo tempo, as nossas diferenças se complementam”, diz Shadia. Enquanto a mais velha nasceu na capital de Santa Catarina, a mais nova é da capital do Rio de Janeiro. Nos projetos elas são uma dupla, nas viagens estão sempre juntas, e na adoração a Deus se tornam ainda mais inseparáveis.

Mesmo o Islamismo sendo a religião de seus pais, elas se aprofundaram nos ensinamentos para reafirmar a fé e tomar a própria decisão de segui-la. “Apesar da nossa família ter introduzido, a gente é muçulmana por convicção, por estudo”, conta Amani.

Por viverem no Brasil, onde cerca de 0,7% da população é muçulmana, automaticamente elas são associadas à religião. “É uma imagem que a gente passa”, comenta Shadia, e Amani completa: “Temos essa responsabilidade”. Diferente de um país com maioria islâmica, em que muitos aspectos da religião foram enraizados na cultura, ambas têm a percepção que no Brasil são induzidas a ter uma dedicação maior aos estudos da fé, “porque aqui a gente é muito mais questionada”, pondera a prima mais nova.

Amani já viajou para a Síria e Egito, enquanto Shadia conhece a Palestina e a Jordânia. Quando visitaram esses países, que têm a maioria da população muçulmana, a principal diferença que notaram foi no acesso à roupa. A moda islâmica está determinada no Corão e segue a linha da **modéstia**. “Aqui [no Brasil] tem muito mais decotes, fendas, tecidos mais colados, transparentes... Lá é mais fácil de achar [roupas modestas] e é mais acessível”, recorda Shadia.

O modo de se vestir é uma das diversas condutas explicitadas no Corão. Um pouco diferente de outras religiões, “o Islamismo é um código de vida, está presente em todas as partes”, explica Amani. Shadia complementa que um dos ensinamentos do Islã é sobre estar em uma balança. “O que você acredita, fala e faz tem que estar o tempo todo em sintonia.” Ambas afirmam com clareza que a religião determina 100% da sua personalidade e atitudes. A prima mais velha, porém, pondera: “como não somos perfeitos, temos que estar o tempo todo buscando a sintonia, tal qual a natureza sempre busca o equilíbrio”.



**Glossário**

- **Modéstia:** moda feminina e masculina de usar roupas mais longas, que não são transparentes nem marcam o corpo, para que não revele tanto a pele.



Entender seu eu interior. Era isso que Bianca Vieira, 17 anos, queria, mas não sabia como nem onde procurar. Até cerca de um ano atrás, ela não tinha nenhuma religião. Frequentava igrejas evangélicas, terreiros e centros espíritas porque sua família sempre foi muito diversa espiritualmente, mas ela não se encontrava em nenhum deles. E então, conheceu a Seara Espírita Entrepósito da Fé, a Seede.

“Eu me encontrei muito ali. É um lugar onde me sinto extremamente bem, tranquila, aliviada, feliz”, reflete. Diferente de outros centros espíritas que havia visitado, a Seede teve um significado especial por causa das pessoas daquele grupo, as quais Bianca considera sua família.

A estudante de Técnico em Edificações conta que, antes de se aprofundar no Espiritismo, era muito estressada e impaciente, vivia no automático e não conseguia se perceber. “E depois que eu comecei a estudar e a frequentar o centro espírita, aprendi que, para viver, eu tenho que sentir, e isso me permite me curar de certas coisas para conseguir viver uma vida melhor”, relata.

O Espiritismo é uma doutrina centrada em três pilares principais: filosofia, ciência e religião. Em cada pilar, é analisado um aspecto do espírito e sua natureza. Através dos estudos sobre o ser humano na Seede, Bianca conta que aprendeu muito sobre acolher, e percebeu que gostaria de melhorar suas atitudes consigo mesma e com os outros. “Nesse um ano me redescobrimo, eu aprendi a não falar tanto, a aceitar mais a opinião e as crenças das pessoas. E levar as coisas de uma forma mais leve, para não me atrapalhar também”, pondera.

Mesmo depois de encontrar sua religião, sempre que tem a oportunidade, Bianca vai em outros templos onde se sente bem. “Eu sinto que o Espiritismo me dá uma liberdade imensa de passar pelas outras religiões e não ter preconceito com nenhuma delas”, afirma.

No processo de encontrar o eu interior, Bianca se deparou consigo. Está se conhecendo e buscando a melhor versão de si mesma. Alguém que acolhe, escuta, abraça sem julgar. Nesse caminho, ela diz que mudou tudo e mais um pouco. “E vai continuar mudando. É um processo infinito, acredito”.



Imagem: Mariana Tomazi.

**Bianca Vieira**  
17 anos  
Espírita  
Florianópolis (SC)  
Técnico em Edificações - IFSC



- Você não acredita em nada?
- Não, em nada.
- Nossa, sua vida deve ser triste, né?

Essa foi uma pergunta que Bruno Castro, 23 anos, precisou responder ao entrar no tópico crença em uma conversa. “Muitas vezes, as pessoas respeitam mais quem tem uma religião diferente do que um ateu”, observa. O paulista faz parte do 1% da população brasileira que se considera ateu, segundo pesquisa do Datafolha de 2020. De acordo com outra pesquisa, feita em 2008 pela Fundação Perseu Abramo com o Instituto Rosa Luxemburgo, 25% dos brasileiros disseram sentir antipatia dos ateus, e outros 17% afirmaram que sentem ódio ou repulsa do grupo não crente.

Bruno se desvinculou das crenças espirituais porque percebeu que os ensinamentos do catolicismo, religião de seus pais, não faziam mais sentido para ele. Prefere se ater ao que pode ser comprovado, mas não questiona a crença em si. “Não que eu duvide que ele [Deus] exista. Jamais. Só que, se não tem como saber que existe, por que eu vou me preocupar em pensar naquilo?”, reflete.

Durante a adolescência, ele tomou consciência de suas atitudes em relação a Deus. “Quando estava tudo ótimo, eu nem lembrava que Deus existia. Mas, quando estava no desespero, eu ia rezar. Para mim, era como uma relação tóxica, isso estava muito errado”, pondera. Hoje, nos momentos de aflição em que não consegue resolver sozinho, ele recorre a pessoas de confiança, como um amigo, a namorada ou um familiar, e conversa para entender a situação. Para Bruno, a ausência da religião não torna sua vida vazia, sem sentido e muito menos infeliz.



Imagem: arquivo pessoal.

**Bruno Castro**  
23 anos  
Ateu  
Mogi das Cruzes (SP)  
Economia - UFSC



“Peixinho” foi como a família apelidou a pequena Gabriela Araújo, hoje com 22 anos. Desde criança, ela não desgruda da água. Seja na piscina, no mar ou na cachoeira, é ali que ela sente paz. Depois de crescida, a carioca entendeu que a natureza é seu lugar de conforto, seu templo. “Assim como as pessoas vão para a igreja, rezam e saem super tranquilas e leves, é a mesma coisa que eu sinto quando vou para o mar. Eu saio muito melhor, eu saio bem... Realmente não sei explicar, mas faz uma lavagem em mim”, reflete.

Nascida e criada em Macaé (RJ), numa família e escola católicas, ela teve uma caminhada espiritual marcada por questionamentos e muito pensamento crítico. “Tudo começou quando eu percebi que [o Catolicismo] botava muito limite. Eu penso que a religião deveria acolher, e não impor limites, dizer o que deve ou não fazer. E ao longo do tempo, fui discordando de muita coisa; não batia com meus pensamentos e ideais”, conta.

Com 15 anos, ela entendeu que de fato não seguiria a religião de sua família. “Foi um processo muito difícil, para mim e para meus pais”, lembra. Na mesma época, Gabriela se interessou momentaneamente pela **Wicca**, religião que enfatiza os valores positivos, o conhecimento sobre os elementos naturais e o resgate do sagrado feminino. Apesar de não praticar mais, a bruxaria fortaleceu sua conexão com a natureza.

Hoje, ela vê que sua espiritualidade está fortemente conectada ao autocuidado. Estudante de Educação Física e dançarina, quando passa por um momento difícil, por exemplo, ela busca coisas e lugares que te tragam paz e harmonia – como o mar. “Se eu sei que eu vou ficar mal ou ansiosa com algo, eu vou lá na praia, fico meia hora embaixo do sol, escutando o barulho do mar...Eu vou me cuidar. A minha espiritualidade é isso: me cuidar, me deixar bem”, relata.

Gabriela tem expandido sua percepção sobre crenças desde que se mudou para a capital carioca em 2022 e ampliou seu círculo social. Convivendo com pessoas diferentes e tendo contato com novas culturas, ela percebeu uma possível ligação com lemanjá, compartilhando sua paixão pelo mar com a orixá das religiões de matriz africana, e está inclinada a mergulhar nesse novo sagrado no futuro.

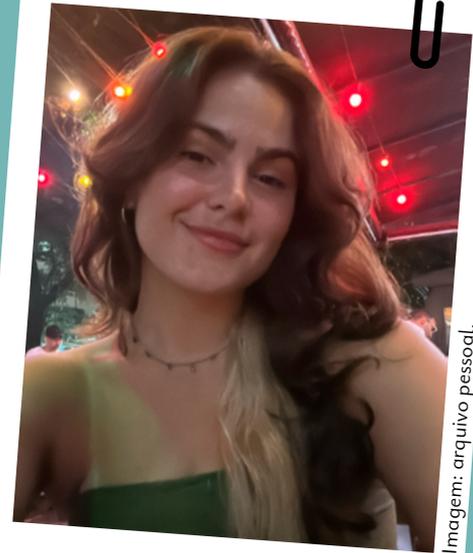


Imagem: arquivo pessoal.

**Gabriela Araújo**

22 anos

Sem religião

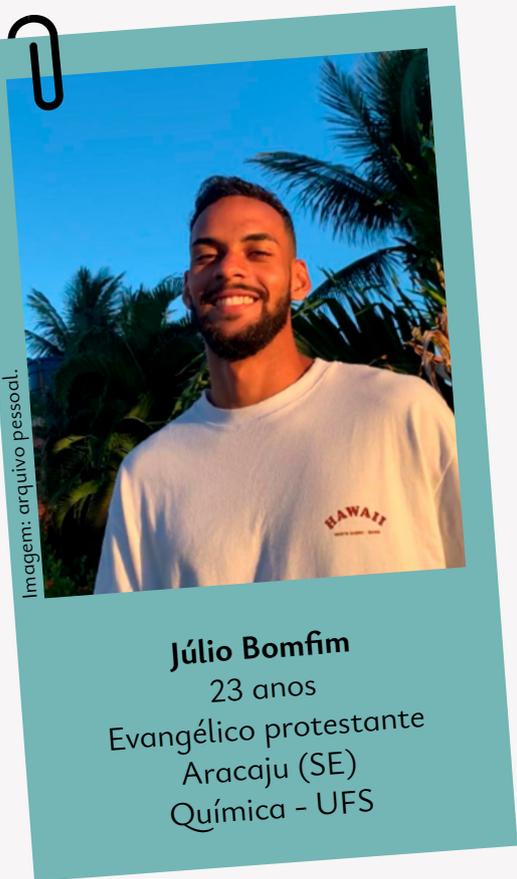
Rio de Janeiro (RJ)

Educação Física - Estácio



### Glossário

- Wicca: religião fundada pelo inglês Gerald Gardner, que trata da modernização de práticas ancestrais pagãs vividas na Grã-Bretanha. A raiz da palavra Wicca vem de “wicce”, dos vocábulos em inglês “witch” (bruxa) e “wise” (sabedoria).



**Júlio Bomfim**

23 anos

Evangélico protestante

Aracaju (SE)

Química - UFS

Júlio Bomfim, 23 anos, começou sua caminhada espiritual através da observação. Durante dois anos, sua irmã mais velha, Jéssica, enfrentava sérias dores por causa de um problema no joelho. Mesmo passando por quase todos os médicos da cidade onde moram, Aracaju (SE), com muitos gastos em ortopedistas renomados, nenhum especialista conseguiu dar um diagnóstico correto nem solucionar o problema.

A família estava disposta a tentar todas as alternativas possíveis para sanar as dores de Jéssica, que já precisava do apoio de muletas para andar. Em 2010, eles foram apresentados ao pastor Francisco, que passou a fazer sessões de tratamento com Jéssica através da oração. “E nessa igreja ela conseguiu, pela fé, voltar a andar. Hoje ela anda normalmente. Até me arrepio quando falo”, conta Júlio.

Ele primeiro viu, para então crer. Na época com 15 anos, diz que no começo foi difícil assimilar e tinha seus questionamentos se aquilo era real. “Mas eu vi que era certeza, porque ela sofria tanto de dor, e depois daquele período com o pastor tudo melhorou, ela voltou a andar, foi bom demais”, lembra com alegria.

Hoje, o estudante de Química frequenta a Igreja do Evangelho Quadrangular, se aprofunda cada vez mais nos estudos da fé e recorre a Deus para guiar sua vida. “Antes de agir, eu busco primeiro a Deus. Eu oro, peço uma orientação a Ele para agir de maneira correta”, diz.



“É saber separar o que você acha pela sua razão e o que sente pela sua religião”. Marina Gois tem 18 anos, é umbandista há pouco mais de um ano e é caloura de Engenharia Química. Ela vive, diariamente, com o paralelo da razão da ciência na faculdade e da espiritualidade dos orixás no terreiro. Sabendo separar cada um em seus devidos espaços, a todo instante ela sente sua fé viva e pulsante dentro de si.

Marina nasceu em família católica, mas diz que nunca conseguiu se encaixar na igreja. “Eu passei por um processo de me reencontrar”, lembra. Durante as aulas de História, conheceu as religiões de matriz africana e, através de uma amiga, começou a frequentar casas de Umbanda. No início, sua mãe teve resistência em deixá-la ir, mas aos poucos Marina conseguiu convencê-la.

A jovem conta que sua vida mudou drasticamente. “A Umbanda me fez encontrar algo que eu acredito, que tenho fé. Nos momentos mais difíceis, os orixás são quem me amparam, e nos momentos mais felizes, são quem eu quero estar perto para comemorar”, reflete sorridente. A vida no terreiro lhe ajudou a ficar centrada e desenvolver mais sua empatia pelas pessoas, especialmente aquelas que precisam de algum auxílio.

Marina ainda está em desenvolvimento mediúnico, iniciação para se tornar filha de santo, na Casa de Caridade Ogum Beiramar. “Eu participo com muito amor, adoro servir os guias, é uma aprendizagem diferente sempre”, relata. Ela tem atividades no terreiro duas vezes por semana, onde recebe as pessoas que chegam para a gira e, durante os trabalhos, exerce a função de **cambone**, que acompanha os guias que estão em terra.

Entre o entusiasmo de servir aos guias e a felicidade de ter se encontrado, a jovem entende que está assumindo um grande compromisso. “Viver ativamente dentro de uma religião não é fácil. Eu tenho uma responsabilidade com a casa, com meu pai e irmãos de santo, com meus guias e orixás”, pondera.

Ela conta que nem todos compreendem. “As pessoas dizem que eu deixei de viver, mas não é sempre assim. Tem momento para tudo”, ressalta. Apesar disso, se concentra no propósito que encontrou na Umbanda. “É sobre se conhecer, se encontrar, ver que está realmente em casa, no lugar que sempre procurou. E felizmente eu encontrei isso tão nova”.



Imagem: Mariana Tomazi.

**Marina Gois**  
18 anos  
Umbandista  
Aracaju (SE)  
Engenharia Química - UFS



### Glossário

- Cambone: filho(a) de santo responsável por auxiliar as entidades, os médiuns e os dirigentes dos terreiros. Cabe a ele ser um defensor da entidade e da integridade física do médium. A função do cambone em uma casa de axé é essencial para que os guias trabalhem com mais facilidade.



Imagem: arquivo pessoal.

**Namye Graziela Farias**  
25 anos  
Católica  
Parintins (AM)  
Zootecnia - UFSC



“Espiritualidade tem a ver com o que tu te alimenta”, diz Namye Graziela Farias, 25 anos, que busca diariamente ler e conhecer mais sobre sua religião, o Catolicismo. Seu tio Paulo Afonso foi quem lhe ensinou a fé, com uma catequese didática para ela e os primos em casa, como uma pequena tradição.

Quando fala de sua fé, o entusiasmo é nítido em sua voz, expressões e gestos. “Quanto mais tu tá envolvido dentro da igreja, te faz tão bem que tu quer compartilhar com outras pessoas”, diz. Ela faz parte dos cantores do Emaús, um movimento de jovens católicos em Florianópolis (SC). Foi esse grupo que a resgatou durante um período conturbado.

Em 2016, Namye Graziela e os filhos do tio Paulo, Marco Antônio e Paulo Filho, saíram de Parintins (AM), cidade natal, para estudar na capital catarinense. Nessa época de mudança, ela seguia assistindo à missa aos domingos e fazia suas orações, mas não se aprofundava no porquê estava fazendo todas aquelas coisas.

Em 2019, Paulo Filho conheceu o Emaús e o apresentou à prima e ao irmão, que também começaram a frequentá-lo. Pouco tempo depois, Marco Antônio veio a falecer, e o movimento os acolheu. “Eles nem conheciam a gente, nossa família não estava aqui, e eles nos abraçaram muito”, lembra Namye Graziela, que completa: “Eu senti, através daquelas pessoas, o abraço de Deus”.

Desde então, todo sábado ela canta na missa realizada pelo movimento, e não vê o compromisso como uma obrigação. “Eu vou lá cantar na casa do meu Pai, é uma vivência muito diferente de fé. As pessoas têm que vivenciar isso, não consigo explicar esse sentimento de outra forma”, reflete.

Ela vive sua religião. Sempre que pode, conversa com as pessoas sobre a fé e o sagrado – seja o seu ou de outras crenças. No período em que esteve afastada da igreja, teve o interesse de ler sobre religiões diferentes. “Isso reafirmou minha fé. Eu vi que a crença que já compartilhava me supria, mas fez com que eu respeitasse mais as outras religiões”, lembra.

Se a espiritualidade tem a ver com o que você se alimenta, Namye Graziela tem um banquete todos os dias. “É uma coisa meio viciante às vezes. Porque tu tá se sentindo tão para baixo, sem entender nada. E quanto mais tu lê sobre aquilo, entende como te faz bem, e como gostaria de compartilhar”. &C

A César o que é  
de **César**

A Deus o que é  
de **Deus**

A realidade do  
Estado laico brasileiro  
segundo a historiadora  
Bruna Marques

**C**om mestrado e doutorado em História, Bruna Marques, umbandista de 39 anos, conversa com a revista *Entre Crenças*. Professora da rede pública do Rio de Janeiro há dez anos e pesquisadora de História das Religiões, a carioca comenta a realidade da laicidade no país, usando a educação como maior exemplo. Atualmente, ela faz parte da coordenação do Laboratório em Experiências Religiosas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e da Associação Brasileira para Pesquisa e História das Religiões (ABHR) regional Sudeste.



Imagem: arquivo pessoal.

### O que é laicidade?

Muitas pessoas fazem uma confusão de achar que seria um Estado ateu. Quando o conceito de laicidade foi criado no Brasil, com a Proclamação da República e em seguida com a Constituição de 1891, ficara estabelecida a separação entre a Igreja Católica (religião oficial do Brasil Império) e o Estado. Trazendo isso para um contexto mais amplo e atual, é a separação entre a religião, seja qual for a denominação, e o Estado, com E maiúsculo, no sentido de governo, política.

Laicidade é as pessoas entenderem que a fé é privada, particular, e a política é pública. Não é que elas não possam ter sua religião, que todo mundo seria ateu. Não é nada disso. É compreender que nós não podemos colocar uma série de dogmas, doutrinas e perspectivas que fazem parte de religião A, B ou C como uma política nacional, como uma pauta dentro do campo legislativo, da escola pública etc.

Eu já presenciei, por exemplo, a equipe abrir o conselho de classe fazendo uma oração, um pai-nosso. Nada contra o pai-nosso, mas dentro de uma escola pública, nós temos que respeitar essa laicidade. E as outras religiões? E quem não segue

nenhuma religião? Não estávamos em um colégio confessional, estávamos em um colégio público, onde toda essa diversidade, crenças e não crenças devem ser respeitadas.

Então é ter esse respeito. Entender que, no particular, você pode seguir o que quiser, mas no âmbito público, deve ter esse cuidado. Alguns projetos de lei têm dificuldade de serem aprovados por questões ditas religiosas. Um exemplo é o caso do aborto. Criar uma lei dessa não significa que todo mundo vai sair fazendo aborto – como se isso já não acontecesse, só que de maneira ilegal. Isso é usar a fé, algo particular, e querer aplicar no âmbito público.

### O Brasil é, de fato, um Estado laico?

Não, não acredito. Na teoria, sim, está na Constituição Federal. Mas, na prática, ainda existem muitas dificuldades de se respeitar a laicidade do Estado.

### O que constitui um Estado laico então, na prática? Como o Brasil poderia cumprir com a Constituição?

Como professora, entendo que tudo começa na educação. Se as pessoas não compreenderem o que significa um Estado laico, não vai ter como ele ser respeitado e colocado em prática. Então é começar esse trabalho dentro da sala de aula.

Existe um grupo, aqui no Rio de Janeiro, chamado Observatório da Laicidade na Educação (OLÉ), na Universidade Federal Fluminense (UFF). No site deles, existe uma cartilha sobre laicidade. Acredito que expandir materiais como esse, não só ficar restrito à sala de aula. Explicar para a garotada do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e aos profissionais o que vem a ser um Estado laico. Além de divulgar canais de denúncia mesmo, como o próprio OLÉ da UFF já tem.

São ideias que, levando para outros espaços, consigam melhorar bastante coisa em relação ao que temos hoje em dia. Não estamos pedindo um favor. É algo que acompanha todas as nossas Constituições republicanas, desde a primeira em 1891 até a atual de 1988. Há mais de um século estamos tentando que esse princípio da Constituição seja respeitado.



### Canais de denúncia ao desrespeito do Estado laico

- Disque 100 - Disque Direitos Humanos;
- Observatório da Laicidade na Educação;
- Delegacias de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), no Rio de Janeiro e em São Paulo.





**Separação entre a Igreja e o Estado no Brasil:**  
clique e ouça como aconteceu



É possível chegar num cenário de Estado laico ideal no Brasil, um país onde a maioria da população se diz religiosa e onde temos uma grande intolerância religiosa?

É um desafio. É algo que nós estamos buscando há muito tempo – “nós” no sentido de educadores, pesquisadores, cidadãos. Não sendo muito otimista, vejo uma grande dificuldade, principalmente nos últimos anos, onde a fronteira entre religião e política ficou cada vez mais tênue. Vejo muitas dificuldades principalmente do golpe de 2016 para cá.

É um trabalho de formiguinha. Porque o problema não é o país ser religioso. Tem países europeus com uma determinada religião predominante e que respeitam o princípio da laicidade. Religiosos sempre existiram e vão existir ao longo da história. O grande problema é o fundamentalismo religioso, a perseguição e intolerância praticada por grupos extremistas e fundamentalistas. O Estado laico não pode se prender a dar certo somente se as pessoas religiosas forem minoritárias, porque cai naquela questão que o Estado laico seria um Estado ateu. A criação do Estado laico é justamente ter o respeito: mesmo com uma série de segmentos religiosos, a variedade e pluralidade serão respeitadas.

Num Estado que se denomina **secular**, como explicar as bancadas religiosas no Congresso Nacional?

A partir dos anos 1970 e 1980, houve um crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, que antes era predominantemente católico. As Igrejas Universal do Reino de Deus, Assembleias de Deus, pentecostais, neopentecostais, dos mais variados segmentos. Isso começou a modificar e criar determinados tipos de bancadas, justamente porque a Igreja Católica sempre teve hegemonia dentro do Estado.

Quando tem a entrada das igrejas evangélicas no país, a luta vai ser para que elas ganhem esse poder e hegemonia que a Igreja Católica já tinha. E como ganhar poder? Se aliando com grupos políticos. Então, vai ter uma mistura cada vez mais latente entre essas religiões evangélicas e a política, nos segmentos principalmente legislativos. Nos últimos anos, vimos chegar



#### Glossário

- Secular: aquilo que não é religioso, espiritual; que está ligado às coisas do século, do mundo. Deriva do latim *seculāris*.

no Executivo, como foi o caso do Bolsonaro na presidência e o Marcelo Crivella como prefeito no Rio de Janeiro.

Dá para percebermos essa mudança no país. Enquanto era um país predominantemente católico, em termos estatísticos, não que não tivesse essa interferência, mas digamos que era um pouco mais equilibrado. Com esse crescimento dos grupos evangélicos, a luta deles por quererem ganhar cada vez mais espaço dentro da política, percebemos essa disputa.

Só que o grande problema foi o desrespeito, porque passaram a utilizar o espaço religioso para fazer palanque político, e usaram o espaço político, como as bancadas, para utilizar e implementar seus dogmas e doutrinas religiosas. O problema não está na pessoa seguir uma linha religiosa, mas sim em querer colocar as crenças à frente das leis. Não podemos utilizar o ensinamento religioso na aplicação ou criação de uma lei.

### Como o Estado laico pode garantir a liberdade religiosa?

Carregando a Constituição debaixo do braço. Sempre tem que estar com algo documentado, porque senão a gente nunca tem a certeza e a garantia de que o princípio da laicidade vai ser respeitado. Muitos casos, por exemplo, em hospitais, que já quiseram proibir pais ou mães de santos de atender as pessoas que estavam internadas, enquanto padres e pastores tinham livre acesso. E aí esses líderes de religião afro tiveram que pegar a Constituição e mostrar “está aqui, eu tenho o direito de entrar nesse espaço”.

É um trabalho que vai caminhar de maneira bem lenta, a passo de formiguinha, mas tendo que fazer questões e estudos, ter espaços de denúncia, de resistência. Infelizmente, nós temos que agir o tempo todo com a lei debaixo do braço, senão as pessoas vão continuar praticando atitudes intolerantes, fundamentalistas, que desrespeitam o Estado laico.

### **Qual a importância de um Estado laico para as democracias?**

Para garantir a democracia em todos os espaços, seja no âmbito escolar, na área de saúde ou política. Reunir, por exemplo, um grupo de deputados para debater determinado tema, mas debater no sentido político, econômico, social. O debate é super sadio, a democracia é isso. O Estado laico serve justamente para respeitar todas as crenças e não crenças.

“Garantir a democracia em todos os espaços. O Estado laico serve para respeitar todas as crenças e não crenças.”

Então, vamos nos reunir para debater sobre essa pauta, mas não vamos deixar o dogma da minha religião interferir, porque eu não estou governando para mim, pessoa física, estou governando para todo um país, e nesse país não vão ter pessoas que pensam somente como eu, terão pessoas com cabeças completamente divergentes, plurais. Isso é o respeito à democracia. Se você respeita o Estado laico, conseqüentemente você respeita a democracia. &C

# Religiosidades super-heróicas

Savio Queiroz Lima, historiador

Como narrativas ficcionais das histórias em quadrinhos descrevem nosso mundo social, a fé faz parte de seu repertório. Em diversos momentos, as noções de sobrenatural, mundo mítico e crença surgem nos discursos dos personagens, até mesmo em representações visuais. Super-heroínas e super-heróis exercem todo o seu fantástico na ficção científica, mas sem perder de vista os encontros e possibilidades com o campo teológico. E por conta de sua diversidade, as narrativas aproximam mitologias, dialogam com as diferentes crenças, convergem filosofias e sentidos.

Muitos super-heróis estão diretamente ligados ao campo da religiosidade, desde suas concepções. As origens da Mulher-Ma-ravilha, por exemplo, estão sempre ligadas a um mundo mítico das religiosidades da antiguidade grega. Os deuses fizeram a super-heroína amazona do barro, lhe deram o sopro da vida, e ela usa essa potência divina para sua batalha por representatividade feminina. Thor e todo seu panteão foram trazidos do distante passado escandinavo para atuar em aventuras super-heróicas do século XX, adaptando o deus do trovão e do raio para o mundo da contracultura e da rebeldia jovial. Esses mundos de um passado bastante distante são mais confortáveis de serem revisitados, inclusive com todas as suas imprecisões.

Mas as coisas ficam mais sensíveis quando os temas de fé fazem parte da contemporaneidade, estão vivos enquanto religiões. Todos esses super-indivíduos sustentam em seus discursos, com maior ou menor intensidade, a carga moral e ideológica do judaico-cristianismo. Produtos de longa duração, muitos com mais de 70 anos de existência, vimos os super-heróis ex-



Imagem: PNG Wing.

pressarem as fés mais comuns nos Estados Unidos, como o Protestantismo, Catolicismo e mais recentemente casos de Judaísmo, como Benjamin Grimm, conhecido como “O Coisa” do Quarteto Fantástico, e Islamismo, presente na fé declarada da Miss Marvel Kamala Khan, de origem paquistanesa.

As religiões de matrizes africanas, entretanto, representadas nas histórias em quadrinhos, sintomatizam questões diversas. A vilania já esteve fortemente atrelada à mitologia egípcia, e não são raros os adversários adeptos do vodu, feiticeiros africanos ameaçando as ordens morais. Mas o tempo foi respondendo às lutas por respeito e visibilidade, fragilizando o racismo religioso de outrora. Mesmo que a super-heroína mutante chamada Tempestade, dos X-Men, pareça-nos receber a orixá Iansã, a indústria de entretenimento ainda tem muito o que aprender, pois entre a super-heroína **Ororo Munroe** e a divindade africana **Oiá** fica apenas o arquétipo.

As liberdades da ficção podem ser problemáticas para o campo da fé, mas também podem ser as oportunas possibilidades de debate público sobre diversidade. Não muito tempo atrás, ao tratar de uma inquietação, do porquê da existência de Thor e ausência de Xangô nas histórias em quadrinhos, o quadrinista baiano Hugo Canuto produziu belas imagens que logo se tornaram narrativas. Esse exercício nos enche de alegria das oportunidades de perspectivas que podem vir. Se histórias em quadrinhos descrevem o nosso mundo social, e por isso descrevem a fé, as ideologias religiosas descrevem, também, as liberdades de crenças, as diversidades e o respeito. &c



**O Conto dos Orixás, de Hugo Canuto**

Aponte a câmera ou clique para acessar



Imagem: revista Superaventuras Marvel 16.



**Glossário**

- Ororo Munroe: alter ego de Tempestade.
- Oiá: outro nome para Iansã.



Imagem: arquivo pessoal.

Savio Queiroz Lima é historiador, paleógrafo, estudioso de Gênero e Sexualidades, mestre e doutorando em História. Tem por foco os estudos sobre histórias em quadrinhos e política. É de Salvador (BA), chegou aos 43 anos, com um ateísmo que oscila sempre que se depara com as poéticas e belezas das religiões de matizes africanas.

# *Lições do Taoísmo: o que há do outro em mim?*

Lorena  
Laudares,  
cientista  
política

A polarização parece ser o “novo normal” da política global. Os debates, muitas vezes, se transformam em batalhas acaloradas e o entrenchamento dos polos interrompe o diálogo, não só entre os candidatos, mas também entre os diferentes grupos na sociedade. Os contrários sempre existiram e sempre existirão. Para lidar com a realidade que se impõe, beber na fonte milenar da sabedoria taoísta pode nos ajudar.

A filosofia taoísta, que remonta a mais de dois mil anos na China, nos apresenta o conceito de Yin e Yang, que simboliza a ideia de que opostos são interdependentes e se transformam mutuamente. Luz e sombra, feminino e masculino, dia e noite.

Yin e Yang não são apenas forças antagônicas, mas sim componentes complementares que, juntos, criam um equilíbrio dinâmico e necessário para a harmonia do universo. Quando definimos a política como “polarizada”, o imobilismo das posições predomina na construção social da realidade. O conflito é interminável e intransponível. Porém, como no Yin Yang, cada um contém uma semente do outro, simbolizando a ideia de que os opostos estão intrinsecamente ligados.

A dualidade é uma parte essencial da existência e a verdadeira compreensão vem da aceitação dessa integração. Em vez de buscar uma uniformidade rígida, aplicar o conceito de dualidade na política incentiva a adaptabilidade e a flexibilidade, reconhecendo que a mudança e o ajuste são partes naturais da vida.

Na teoria, tudo é lindo. Entretanto, quando nos voltamos para o mundo em que vivemos, é preciso adicionar um ingrediente importante – que não estava presente entre os séculos XIV e IV a.C, quando provavelmente viveu Lao Zi, um dos fundadores do Taoísmo –, o papel das redes sociais.

Nos últimos anos, as redes sociais emergiram como o principal meio de comunicação e informação. Elas moldam como percebemos o mundo e, especialmente, como entendemos e debatemos as questões políticas. A natureza dessas plataformas tende a reforçar o entrincheiramento, criando bolhas informativas onde opiniões semelhantes se agrupam e os opostos se radicalizam. Apesar do distanciamento, percebemos que a interdependência dos opostos está presente. Um lado só existe pela negação do outro, como a luz e a sombra. Uma luz muito brilhante pode cegar tal qual a escuridão do breu.



Imagem: arquivo pessoal.

Nascida em Belo Horizonte, Lorena Laudares iniciou sua carreira no mercado financeiro em 2014, no Rio de Janeiro, onde viveu por 15 anos. É mestre em Ciência Política e foi pesquisadora na China nas Universidades Tsinghua (Pequim) e Fudan (Shangai). Atualmente, reside em São Paulo, onde continua sua trajetória na Faria Lima, analisando política e fiscal.

O que falta para a convivência, equilíbrio e harmonia é justamente o “tao”, o caminho. A linha sinuosa que separa o Yin do Yang. Uma faixa de fronteira onde há algum grau de entendimento. No entanto, essa aproximação não ocorre automaticamente. Exige consciência e esforço para integrar essas forças divergentes. Falta, por vezes, o reconhecimento do outro em mim e vice-versa. Na alvorada e no ocaso, onde a sombra se transforma em luz e a luz cede espaço para a noite, já não há conflito, há apenas a beleza e a exuberância da transição, como algo natural, confiante que dias novos virão. Quando pararmos de lutar contra o oposto e aceitamos que o caminho é o diálogo e o entendimento, a política deixa de ser a zona de guerra e os debates passam a dar espaço para construção de uma realidade mais harmônica, próspera e menos conflituosa. &C

# Sufrimento humano é uma questão

## *bio psíco socio espiritual*

Como o Budismo auxilia no tratamento de doenças mentais

Reportagem por Mariana Tomazi

**P**rocurer um lugar limpo e quieto, com iluminação agradável e temperatura amena. Use roupas confortáveis, mas ordenadas. Sente com as pernas cruzadas. Respire silenciosamente através do nariz, e deixe que sua respiração flua naturalmente. Não controle seu pensamento nem se concentre em algo específico. O objetivo é estar no momento presente.

Esses são alguns passos para realizar o Zazen, meditação do Zen-Budismo. “É uma tentativa de conhecer sua própria mente e libertar-se da vinculação constante a voltar-se para o passado ou para o futuro, fazendo com que a pessoa aprenda a estar realmente aqui e agora”, explica o monge Genshō Chalegre, 76 anos, orientador espiritual e fundador da Comunidade Zen-Budista Daissen, com sede em Florianópolis (SC).

Segundo o monge, o propósito do Budismo é retirar as causas do sofrimento humano, pois este seria criado na mente de cada pessoa, através das perspectivas sobre a existência. “Então é você que gera, em última análise, o seu sofrimento”, fala.

Em 2023, a monja Coen Roshi, figura influente do Zen-Budismo no Brasil, compartilhou uma fala semelhante em seu perfil do Instagram: “a depressão existe, mas sofrer é opcional”. A frase, retirada do seu livro intitulado “O sofrimento é opcional”, gerou repercussões negativas entre os internautas.

O monge Genshō esclarece que, na verdade, a monja estava separando os conceitos de dor e sofrimento. “A dor não é opcional, você está sentindo dor. O que ela está descrevendo como sofrimento é da sua atitude mental. O problema, nessa frase, é pensar que o sofrimento é opcional para pessoas que estão sofrendo coisas externas, como um bombardeio ou uma doença”, diz.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão é causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicológicos. A doença interfere no cotidiano do paciente, na sua capacidade de trabalhar, dormir, estudar, comer e aproveitar a vida. Dados da OMS indicam ainda que mais de 300 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem com esse transtorno.

É possível, porém, que a espiritualidade cure doenças mentais? A médica psiquiatra Marianna Costa, cristã de 36 anos

### Prática do Zazen

Escaneie o QR code ou clique abaixo para ver o passo a passo





### **Budismo é uma religião ou uma filosofia?**

Clique e ouça a resposta do monge Genshō Chalegre.



e pesquisadora de espiritualidade na saúde, acredita que não. “Eu entendo que nós somos seres complexos. Gosto muito de pensar no modelo biopsicossocioespiritual”, diz. Nele, o diagnóstico é analisado pelo conjunto dos aspectos biológicos, psíquicos, sociais e espirituais do paciente.

Ela esclarece que os profissionais da saúde não podem prescrever crenças e religiões como forma de tratamento. “Mas a gente tem que ter a arte, da área médica e psíquica, de tentar entender como são os pensamentos, as crenças e o comportamento daquele indivíduo”, ressalta. A pesquisadora completa que, entender as práticas espirituais é como entender qual a relação da pessoa com atividade física, por exemplo. Ao avaliar o contexto geral da vida do paciente, é possível incorporar no processo as práticas positivas, classificadas como ativações comportamentais.

Monge Genshō indica que a meditação pode auxiliar no alívio da ansiedade, mas que em casos de depressão não seria tão efetivo. Contudo, ele ressalta a importância de tratar cada sofrimento em seu devido lugar. “Quando alguém tem problemas que se indica terapia, nós enviamos para terapia, porque não somos centro de tratamento”, diz.

Transtornos mentais são patologias complexas. A psiquiatra comenta que, em alguns casos, o tratamento depende muito mais do paciente do que dos remédios, aliando a psicoterapia com mudanças de hábitos prejudiciais. Por outro lado, “tem pessoas que têm uma carga biológica muito grande e, mesmo que faça tudo que está ao alcance dela, irá precisar da medicação”, contrapõe a médica.

Ainda há muito que se avançar quando se fala em tratamento de patologias dentro da psiquiatria. As abordagens vão mudando de acordo com novas descobertas científicas e novos tratamentos comportamentais, clínicos e medicamentosos. A metafísica ligada à espiritualidade traz certo conforto para aqueles que creem, mas não é possível generalizar e acreditar que a fé será a única fonte de cura. Mesmo com estudos científicos sobre a meditação e seus benefícios, é preciso ter cuidado ao buscar tratamento para qualquer dor ou sofrimento psíquico. Procurar um médico, psiquiatra, psicólogo ou psicanalista é essencial nesses momentos críticos. &C

# Entre Crenças

Eu acredito que você acredita

